



Galicata



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Balão de Pôrto—Paço de Sousa
Valas do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros R. Santa Catarina, 628—Pôrto
Visado pela Comissão de Censura

“A MISSÃO DE PARIS”

É assim que vem a dizer em o jornal *Novidades*, como notas de viagem de um sacerdote que de lá veio e observou os padres da Missão a viverem entre operários, eles também operários, o glorioso apostolado da primitiva Igreja.

Vivem a vida da multidão, fazendo parte integrante dela e não debruçados sobre ela. O padre conhece por experiencia as mesmas dificuldades materiais daqueles que tem a seu cargo. Vive a vida do seu rebanho, no meio do seu rebanho, não por amor do lucro vergonhoso, tão pouco como quem procura dominar a herança do senhor, mas sim, fazendo-se em tudo o modelo do rebanho, como fizeram os apóstolos.

Nada os separa dos seus fiéis, nem o fato, nem a linguagem, nem o modo de vida. Não há congrua, não há cartório, não há peditórios. Trabalham. Aonde o padre com o seu altar, aí a Igreja. Barracão, pateo, casa, loja, não importa. Os batismos são na igreja paroquial. É uma conquista do neofito. O padre vai, põe as vestes sacerdotais. A comunidade comparece. Vivem todos ali, como outrora, a riqueza inenarrável do sacramento. No final, dispersam para o seu meio, fazem a vida do costume sem se lhes dar de retratos de José Estaline suspensos em casa. Tudo perfeitamente como dantes,—menos a riqueza interior do sacramento.

Já existem seminários em França com esta orientação! Os futuros padres fazem estágios nas fábricas, como sacerdotes riais de um Evangelho esquecido, sim, mas vivo.

Quem quiser saber mais coisas interessantes tome em suas mãos o jornal *Novidades* de 5 de Outubro, leia, releia, treleia, e veja de como não tinham razão os grandes das sinagogas, desabafando, naquele tempo, entre si: *De que nos serve perseguir pois que todo o mundo O segue?! Sim.* É verdade. Todos querem conhecer Jesus. Um daqueles novos sacerdotes disse, como vem na gazeta, que o mundo não pára na sua marcha para Cristo. E continua: As massas encontram o sentido cristão se nós soubermos o sentido cristão das massas. Oh! massas desorientadas! Há muito tempo que não vou a Fátima. Não tenho tempo. Mas quando ia, ficava triste ao escutar as imprecações de povo em Coimbra, Leiria, Tomar e outras vilas, ao ver passar os romeiros! Dava o meu sangue mais por estes do que pelos fiéis!

Eles são portadores do sentido cristão. Também elas queriam ver Jesus. Se dão ouvidos a *mestresinhos*, é que não teem quem lhes fale do Mestre. E como hão-de escutar, se não há quem pregue? Quem é que tem ido à fabrica, ao quartel, à oficina, à Rua, quem? Não tem ido ninguém, mas agora parece que sim, com esta actual revolução francesa.

Gostaria de ir a Paris ver e conhecer de perto estes obreiros do Evangelho, os quais, pelo que se lê, hão-de ter a fala e teem com certeza a paixão de Jesus Nazareno. Nem a fome, nem o frio, nem a nudez, nem os trabalhos, nem as perseguições,—nada os separa e até por amor de tudo isto, mais estimam a sua missão.

Eles são uma demonstração da perenidade da Igreja. Os anos não a desgastam. Ontem no berço como hoje, não fica mal aos apóstolos trabalhar com suas mãos para não serem pesados à comunidade dos fiéis; e a comunidade dos fiéis provê.

O ponto mais consolador desta noticia, é sabermos que ela vem publicada em um jornal que

é a voz dos Bispos. Os Bispos veem do Papa e este, de Jesus Cristo. Temos aqui matéria de um dos artigos da nossa fé. Não pode por isso mesmo haver erro nesta revolução, que por ter começado na França, não é a «Revolução Francesa».

Oxalá ela venha quanto antes para a nossa terra e levante barricadas por toda a parte!

Quem sabe! As matanças cruéis dos homens, despertam a Caridade nos próprios homens. A Igreja é Mãe. Ela é depositária e fiadora da doutrina viva do Amor. A Humanidade pede um sinal e não há outro que a remedeie senão o Sinal da Cruz.

Venham apóstolos que possam dizer com verdade, ousadamente, confiadamente, como naquele tempo disseram ao Mestre: *Deixamos tudo; e agora?!*

Tenho sido avisado, por muitas vezes e por muitos amigos, para não publicar donativos, não vá eu com isso afugentar: *Ele já tem muito.* Mas eu não leio assim. Eu sou pregador das promessas de Jesus. Quem deixar tudo por seu amor, encontra tudo.

Esteve aqui há tempos, de visita, um sacerdote amigo que não acreditava na obra a princípio. Deixei-o ficar sózinho, propositadamente, e fui dar voltas por esse mundo: *tome conta.*

Ele assim fez. Era tempo de verão, visitas às chusmas, esmoladas da mesma sorte. No regresso, deu-me contas. Viu. Acreditou.

Bemaventurados os que não veem e acreditam.



O Zé Sá, quando era o da hortaliça. Finório como é, arranjou a passar a pasta e hoje é o ajudante do Rio Tinto, na casa do forno. Ninguém gosta de ser das couves. Os cozinheiros consomem muita coisa da horta e consomem, igualmente, os da obrigação. Ele são couves e cenouras, e nabijas e aboboras, tudo consoante as épocas e sempre muito de tudo. E depois veem as galinhas e os patos e os perús e os porcos, que também comem da horta. E depois vem o professor Madureira, superintendente da quinta, ralhar ao rapaz da horta, que não sabe cortar couves e estraga tudo. Depois vem a senhora: *vai buscar mais.* Bem fez o Zé Sá!



Cantinho dos Rapazes

Meus filhos: torno hoje a chamar aqui o Zé Maria de triste memoria, aquele mestre falso que tem dado, afinal de contas, boas lições para aqueles de vós que se quiserem acautelar. Ele acaba de subir ao ultimo andar dos crimes de furto. Está na cadeia novamente. É esta a terceira vez que conhece prisões desde que saiu da de Penafiel, há apenas alguns meses. É já um chefe de quadrilha. Tem dezasseis anos e poucos meses! Na cadeia de Penafiel, em contacto com os mais reclusos, chegou à perfeição da arte de roubar. Estes são os factos. Agora, tomai a lição. Cada um tome a sua. Aqueles que trabalham no Porto, por mais sujeitos a tentações, devem ser os mais fortes. Como? Sendo sempre muito fiéis nas coisas pequeninas. Um trôco. Um objecto. Tudo tem dono. Não devem aceitar gorjetas de ninguém. Uma desculpa respeitosa é uma defesa. Dinheiro na tua algibeira, na idade que tens, é uma arma perigosa. Se te não defendes, ninguém te defende.

Os patrões que vos empregam, esperam muito de cada um, neste ponto delicado de honestidade. Que cada um se vigie com muita humildade. Todos vós sois capazes de descer tanto como desceu o Zé Maria! Sim, meus filhos. Não é para vos rebaixar, que assim falo. É mas é para vos prevenir. Há muitos que confiam desordenadamente nas suas supostas virtudes e desesperam quando caem nas faltas graves. É a humildade que vos acautela. É a humildade que nos cura. Olha pro Zé Maria, tem pena dele, e reza, para não caíres nas tentações.



O Zé da lenha mai-lo Bucha dois zelosos cicerones da aldeia.

Olhe, tem molas, dizem eles às visitas, alegremente, ao mostrar-lhes as camas. Dantes era nas valetas!

Andam descalços. Descalços, em nossa casa, não é atraso nem é miséria. Os pés andam lavados. A roupa da mesma sorte. A creança é totalmente cuidada. Então que é? Desleixo dos que podem.

CARTA DO "ARDINA"

AO "GAIATO"

Habitualmente, escrevemos esta carta, em plena «Obra do Ardina», na Calçada da Glória 39, em Lisboa, e enviamos-a à «Obra do Gaiato», para Paço de Sousa. Hoje, as coisas passaram-se de outra maneira. E' em Paço de Sousa, na «Aldeia do Gaiato» que nos encontramos, embora, como sempre, em mensagem... ardinal!

«Como o mundo seria alegre e feliz, se todos nos considerássemos irmãos, amigos!... Como se realizaria trabalho social, profundo, se a todas as obras se dessem as mãos, num intercâmbio de caridade e generosidade!...»

Precisamos conhecer a fundo as outras obras sociais, para alargarmos o nosso coração a todas elas, não vá ele mirrar-se e ficar demasiado apegado a uma só!

Precisamos também sentir essa compreensão, para aquecer o nosso coração, tão humano, por vezes.

E assim foi. Viemos à «Aldeia», e a alma encheu-se-nos de alegria e... gaiatos. Demos graças a Deus por quanto vimos e ouvimos!

Volvidos dois anos—que há tanto era o tempo que não visitávamos a obra amiga, sentimos bem o significado daquelas paredes levantadas, o significado da aldeia construída!

E à admiração estética, se assim podemos dizer, seguiu-se a admiração moral: o significado das vidas dos «Gaiatos» que se levantam bem mais alto que aquelas paredes! O significado de uma obra que progride socialmente, graças a Deus! Sente-se grande consolação, grande serenidade de alma ao ver na «Obra do Gaiato», um dos nossos poucos — para não dizer únicos — internatos que trabalham como deve ser, sem olhar à idade de largar os seus pupilos, assumindo em tudo e sempre a responsabilidade paternal, não só de direitos de tutela, como, sobretudo, de deveres de assistência, que êsses não terminam nem aos 18, nem aos 21 anos, claro!...

Um internato tem que ser a «família» do tutelado, e a família verdadeira só larga o filho, quando êste toma um rumo definitivo na vida — ou casamento, ou meter a freira—diz o povo, das raparigas. «Para o rapaz, será preciso, então, acrescentar a vocação de sacerdote, e nada mais, numa palavra a família só pode e deve largar o filho, quando êste tem possibilidades de vida, bastando ao próprio, e para isso, não há, nem pode haver idades estabelecidas. A par desta alegria em vermos a expansão e profundidade social da «Obra do Gaiato», em contraposição a tantas outras, sentimos o nosso coração aquecer, ao compreendermos que a «Obra do Ardina» era também estimada pelo gaiato. No «Lar do Gaiato» do Porto, ao declinarmos a nossa identidade, o Amândio que nos abria a porta, exclamou num sorriso, a mostrar-nos que conhecia a fundo a «Obra do Ardina»: «ah, a Senhora é do «ardina»? Então, entre, por favor!...»

Creemos que o convite seria o mesmo para qualquer, mas a cara indicava-nos uma amizade de... irmãos, graças a Deus!

Somos do ardina, e está tudo dito. Dias antes em Lisboa tínhamos ouvido igual expressão possessiva numa garage onde fomos pedir uma informação. E por sermos do ardina, o empregado atendeu-nos mesmo a horas de almoço. Ficamos a pensar como o mundo seria feliz se nós fôssemos assim servos uns dos outros na caridade!

Mas voltemos a Paço de Sousa. Aqui então, as demonstrações de carinho e amizade tem sido inumeráveis.

Havíamos recebido uma palavrinha amiga do Snr. Padre Américo declarando-nos «que não recebera o jornal «O Ardina», que nós dizíamos ter-lhe enviado. E fizemos mil conjecturas acusando os serviços dos correios, e por último, a nossa distração... Ter-nos-íamos esquecido de mandar? Só ao irmos trazer outro em mão própria, conseguimos saber o que se passara com o nosso jornal.

No primeiro pequeno almoço que tomamos, o Inácio, ao servir-nos, comunica-nos confidencialmente: «Eu fui o primeiro a ver um «Ardina», sabe?»

Julgamos que se referia a um ardina em curne e ôsso e achamos graça ao tom de revelação amiga, mas êle continua: «Li-o todo, e o Porto também, bem como os outros que sabem ler». Então, fez-se claro no nosso espírito: estava explicado o desaparecimento do jornal enviado à «censura» amiga. A leitura do «Ardina» ainda não chegara à vez do Snr. Padre Américo, tanto lhe haviam querido os rapazes!...

Para nós foi um estímulo e uma consolação.

Notícias de Miranda

por CARLOS ALBERTO FREITAS

O Manuel Pedreiro que há pouco tempo ia cegando o Lisboa, continua com azar. Agora partiu um vidro e teve mais um desastre com o boi, ao pé da fonte do Castanheiro: tombou o nosso carro com o boi, por uma rampa de mais de 5 metros. O boi escapou por milagre e o Camilo que estava a travar o carro ia ficando debaixo de tudo. Mas lá arranjaram as coisas sem dar cavaco a ninguém para lhes não ralharem.

O Porto depois de dar boas provas na Farmácia de Miranda, foi agora para o Porto. Os Gaiatos de Miranda esperam que o Porto continue a dar boas provas como aqui deu.

Veio há dias de Coimbra mais um rapasito que tem o pai e duas irmãs tuberculosas, da fome que passaram. As irmãs foram para o hospital e o rapasito volta para Coimbra quando o pai morrer e a casa for desinfetada.

Aqui há pouco tempo comprou-se veneno para os ratos, mas êle só serviu as ovelhas. O veneno andava por as casas e como as ovelhas às vezes se soltam, apareceu morta uma cabra e uma ovelha. O Heroito que era o pastor ficou muito triste. O rebanho agora só tem três cabeças.

Aqui há pouco tempo num sábado, dia de tomar banho, o *fala barato* afflicto com a água pedia assim ao Sérgio:—Oh rico santo Sérgio não me dês pirolitos que eu peço-lhe todos os dias a benção. Mas o Sérgio não quis saber e atirou para dentro do tanque. O Nelas com medo da água já fugiu dois sábados a seguir.

A Senhora esteve uns dias doente e era o Tonito que ia visitá-la mais vezes. De vez em quando abria a porta e perguntava:—A mãe está melhor?

Começamos a arrancar pedra e a traze-la para cá para construirmos mais uma casa. Até agora dormimos nas camaratas muito pobrezinhas sem fôrro e sem nada. A's vezes acordamos de noite com as beiras a cairem em cima das camas.

Não podemos agora jogar porque o Snr. Padre Américo ainda não nos trouxe a bola que prometeu. A ultima vez que jogamos perdemos por 7-4, por estarmos destreinados. Deus queira que o Snr. Padre Américo quando cá vier não se esqueça dela, porque aqui há dois internacionais, que ajudaram a ganhar os doze contos no Porto. (Nem sequer as viagens lhes pagaram).

PEEDITÓRIOS

No dia 3 de Novembro, primeiro Domingo do mês, podes escutar a minha palavra fluente no altar mór da igreja de Cedofeita, às Missas.

Não deixes ficar em casa o livro de missa,—nem a carteira. As duas coisas são necessárias.

No domingo seguinte, deve ter lugar identica cerimónia na igreja da Trindade, e assim por diante, enquanto houver tempo, igrejas e fiéis. Estes são os *arraiais minhotos* a favor da Casa do Gaiato,—e estes bastam.

PEEDITÓRIOS

E' tão bom sentirmos estas amizades de obras, de ardinias e gaiatos, num mundo que só vive de rivalidades, de ódios!...

Passaremos a enviar dois «Ardinas» para Paço de Sousa—um para a *malta* (termo que adoptamos, como o melhor, pois não se fala de outro modo entre ardinias e... gaiatos) e outro para o Snr. Padre Américo, pondo-lhe a indicação de que é... «pessoal e intransmissível!»

A alegria *pessoal e social* que sentimos deste intercâmbio de ardinias e gaiatos, queríamos *transmitti-la* a todas as outras obras!

Que se vivesse assim em caridade, interessando-nos uns pelos outros. Que as iniciativas de umas obras, fôssem recebidas e auxiliadas pelas outras, por todos!

Já teríamos *muitos* assinantes para o «Ardina» (e só temos 120, por enquanto)

Já poderíamos abrir a 1 de Novembro a 2.ª «Casa do Ardina», e falta-nos a ajuda certa há tanto pedida...

MARIA LUISA.

Do que nós necessitamos

Mais um casaco da *Mocidade*. Mais no *Depósito* 200\$ e mais outro tanto e mais 20\$ e mais um pacote de roupas e mais um dito de mercearia. Uma visitante foi-se daqui e mandou da sua casa, pelo correio, 250\$, sendo 100\$ como êle diz, para a *canadiana*. Desconfia que eu já a tinha por não tornar a pedir, mas não tenho. Não tenho não senhor. *Se eu pudesse era eu quem oferecia; E' pena notar-se que a boa vontade nem sempre está em casa dos que podem.*

Mais de Alpedrinha 900\$. Vale a pena relatar: Era a pretensão de um vadiosito daquelas terras. Cartas e mais cartas e mais cartas e no fim de todas elas, vem o rapaz. Não conheço a pessoa que desde há muito se interessava pelo inocente. Seja quem fôr trata-se de alguém que compreende. A criança veio munida do enxoval, a quantia supra, foi mendigada entre famílias, e com ela também veio uma lista de assinantes certos. Ouço dizer que é uma noélista. Nunca mais torno a dizer mal das noélistas!

Nós não podemos pedir nada, pelos rapazes que temos na *aldeia*. Aceitamos. Mas seria interessante que todos soubessem amar e cumprir. Aqui há tempos, apareceu-nos uma família com um pequeno pela mão. *Anda perdido, coitadinho*. Contaram do bem que fazem lá na terra, das muitas esmolas que dão, das penas que trazem pelos que sofrem. Ele sabe também falar de si próprio, que quem não fôr acautelado, facilmente cai na cilada!

Era gente suntuosa, pelo reluzir das joias. Pois bem. Quanto lhes parece que esta família *amiga de dar* deixou para sustento do rapaz? Quanto? Dez tostões! Mais de algures uma nota de 500\$ por carta, a qual não disse quem era nem de onde vinha. São as melhores!

Mais de Lisboa um pacote de roupas usadas. Mais outro pacote com dois pulovers. Mais um dito com um fato preto, que me parece ter sido de um estudante. A Maria Carolina pode mandar, sim senhor. Aqui em casa tudo se aproveita, até os defeitos. Mais um pacote de roupas. Mais um pacote de ditas. Mais um, muito grande e muito própria. Não me canso de agradecer a quem se lembra de nós, por forma tam amorosa quam eficaz. Não podes escolher melhor fim para as roupas dos teus filhos. Fim, pelo bem que fazem. Fim, porque acabam bem. Nós levamos tudo até ao derradeiro fio. Sei que não é preciso recomendar, mas lembrar, isso sim:—que seja roupa limpa. E' necessário haver escrupulo. Nós não temos meio de defesa dos contagios, se os nossos amigos verdadeiros nos não defendem. Além do mais, todos os nossos rapazes são predispostos. Dito isto, avante e mais roupas. Mais uma data de latas vazias que serviam a leite condensado e agora, fazem de canecas. A gente tem experimentado tudo: copos de vidro muito grosso, canecas de barro muito bem cosido, coisas à prova de fogo,—tudo. Nada escapa!

Minha senhora, partiu.

O Carlos de Tabua está agora empregado no Porto, mas quando era da cozinha, de uma vez que foi à dispensa, não esteve com meias medidas; partiu vinte pratos!

Mais do Porto uma imagem de Santa Rita. Mais da Mealhada roupas. Mais de Viana do Castelo também roupas. O *Fala grossa* chegou com os pacotes à hora do correio e eu quiz abrir. Há tantos anos que abro pacotes e nunca achei nenhum repetido! Não poderia achar. Porquê? Porque a devoção é que remete. A devoção é a pessoa. As pessoas não são iguais. Ainda que a matéria fôsse igual, não seria a forma.

Mais com sua licença um porco. Mais com sua licença um leitão, e mais nada.

Outro pedido

Este é limpo. E' flanela. Flanela em peça ou em retalhos, para fazer roupas brancas. Vem lá o inverno. Nós andamos todos no fio. Os passarinhos do céu não fiam dem tecem e vestem-se sim. E' verdade. O Pai Celeste veste-os de cores como ninguem tem. MAS trabalham. Os passarinhos trabalham, cada qual de sua maneira. Ora eu tenho de fazer assim. Se a gente se deitasse a ruminar a parábola, não teria compreendido a lição.

A gente trabalha e afflige-se. Esta palavra é soberba. Pica a alma. Faz-nos sofrer, não as nossas, mas as dores dos outros. Quando esta afflicção é equilibrada, chama-se zelo. Pois bem, afflige-te. Tens dado, mas dá mais. A cultura do algodão é de todos os anos. Não secam as fontes da Natureza.

MIRANTE DE COIMBRA

Nota da Quinzena

Ilhas... Que bela deve ter sido esta cidade antes do vendaval de trinta e quatro!

Aqueles mosteiros pequeninos semeados por montes pitorescos e granjas férteis, e que agora encontramos dismantelados, são índice de paz, de fartura, de piedade e caridade que desapareceram deste mundo.

Comecei o meu dia de hoje junto das ruínas dum destes cenóbios antigos.

A porta *micae*, das migalhas que ali se davam aos pobrezinhos, desapareceu; os santos que povoavam os nichos fugiram apavorados com a impiedade dos homens; os telhados caíram sob o peso de séculos de desleixo; os claustros do silêncio e resoluções firmes, foram invadidos pela turba-multa que em cada arco armou uma barraca; cada cela é uma habitação, cada habitação um ninho de miséria.

Sobre a cisterna jaz ainda a roldana e a pedra comida pelo roçar da corda e do balde de tanto dar de beber a quem tem sede. Ao lado uma das tocas, e uma criança a brincar.

—Quem mora aqui meu menino?

—É a minha cunhada e minha mãe.

De dentro veio a cunhada. Era uma rapariguinha raquítica de 16 anos com a filha ao colo descórada pela muita fome que passou no ventre materno.

Entre sem pedir licença. Arrepiava o desalinho, a imundície, a promiscuidade (cinco pessoas num espaço não superior à carlinga dum automóvel) a lama que a chuva causou no pavimento e a lama das almas.

Deixo a esmola que tem o condão de acordar consciências adormecidas — «casei-me à pressa pelo civil e vamos à igreja quando a minha filhinha fôr baptisada».

Continuei a visita às pseudo-celas. Na seguinte mora um casal. Ele, amarelo de fome e de dores, contorcia-se na altura, sobre a cama; ela, cheia de feridas tinha ido ao hospital. Era uma pequenita que os sustentava com as esmolas que colhia. Bem sei que é anti-social deixar mendigar uma criança; mas que fazer quando essa criança é o amparo dum pobre lar?

Adeante vive um operário doente que me pediu ferramenta para trabalhar. É um pedido honesto e sincero que hei-de atender.

Nem só as tempestades do alto mar obrigam os navegantes a deitar toda a carga ao mar. Tenho encontrado algumas famílias que se viram obrigadas a desfazer-se da última enxerga para que não faltasse ao membro doente o remédio prescrito. Foi o que sucedeu com esta. Até os utensílios de trabalho foram empenhados.

Pátios Daquela alto da Conchada desço a rampa que leva à Rua da Figueira da Foz. Tomo ar num momento

naquele soberbo mirante donde se avista o campo fértil de Mondego até ao termo de Montemor. É preciso respirar assim fundo, de vez em quando, para acalmar a revolta do estômago. Ali perto uma velhinha colhia lenha: «Tem dó de mim, meu filho! Eu sou aquela infeliz que mora na lojinha dum animal. A chuva entra por todos os lados e venho à lenha para me enxugar».

Mas cá estamos no Pátio dos Lázaros. Um caravanserai autêntico. Ciganos que entram, ciganos que saem, algumas famílias que estacionaram. Visitamos os doentes que procuravamos, e entretanto rodeia-me uma chusma de crianças. Quando teremos nós uma casa para rapazinhas, nos moldes e espírito da Casa do Gaiato!

Ai tantos que eu vejo a perderem-se por não haver onde recolhê-las! E tantas fortunas que se esbanjam sem utilidade para ninguém e com o brado clamoroso que chega ao céus!

Quanta escória naquele pátio ainda brasonado. Não será a resposta de maldição que pesa sob a nobreza que a si própria se não respeitou?

Bêcos... Depois de atravessar uma zona buliçosa da cidade, faço um desvio à direita à procura dum doente num bêco desconhecido. Lá o encontrei, sózinho, num catre de águas furtadas, o pobre tuberculoso. Ao ver-me solta um gemido de alegria e de dor.

—Padre, é já hoje que morro?

—Ainda não, filho, sofre com paciência enquanto Deus quiser.

—Ai mais um dia... e volta-se para outro lado desalentado. Já não pode falar, mas com muitas pausas explicou: «Era vendedor de jornais, perdia muita noite, passei muitas privações. Tudo isto deu cabo de mim».

Retirei cansado de tantas histórias tristes que

Três dos nossos da Casa do Porto, arvorados em comissão, foram ao consultório do Doutor Ferreira Alves, a quem pediram para falar. Aquêlê senhor, cuidando que se tratava de um peditório, mandou entregar um pequeno donativo. *Que não*, disseram os rapazes. *Nós pretendemos falar.*

O Doutor Ferreira Alves mandou entrar a comissão, e ouviu. Eram eles o Julio de Elvas, o Ferreirinha do Porto e o Bernardino de Coimbra. Norte, Sul e Centro. Levavam a pretensão de conseguir cama no Sanatório de Francelos, para um pequeno doente, que fôra paquete, como alguns deles são, em uma firma comercial, da cidade, e hoje encontra-se doente dos ossos, sem meios de viver. O Médico notou o interesse dos rapazes pelo rapaz e declarou solenemente que seria para eles a primeira cama vazia. Assim aconteceu. Volvidos dias, estava com eles a notícia da vaga. Quando os nossos andavam afadigados em conseguir transporte adequado, alguém adiantou-se e levou o rapaz no seu próprio carro, em companhia da Mãe. Até aqui os factos. Vamos ao comentário.

É muito difícil, na nossa terra, conseguir leitões para doentes desta natureza, pela demora das curas. São sempre largos meses. Podem ser largos anos. No caso em questão, andava muita gente empenhada, sem resultados satisfatórios. Mas eis que surgem 3 rapazes afoitos, conscientes, magoados por amor do camarada. Eles são visitantes de pobres, nas horas vagas. O pequeno é um doente deles. Sabem o que querem. Sentem o que dizem. *Nós queremos falar ao Senhor Doutor.* E o senhor Doutor Ferreira Alves escuta.

Aprenderam a agir por si próprios no à vontade das nossas casas. Caiu-lhes o ferrête da testa, e aonde parecia estar dantes o perigo para o sociedade, vê hoje a mesma sociedade estrelas: a primeira cama é para vós.

Isto é uma revolução sem par; uma demonstração da riqueza das almas e do bem de que os homens são capazes, quando se coloca diante deles, não textos, mas sim a doutrina do Evangelho realizada.

É ver como estes rapazes, ontem sem posses nem forças, nem nome, são hoje acarinhados pelos poderosos. O cristianismo reside por tal forma na estrutura de cada mortal, que mesmo aqueles que o não confessam, são-no por natureza. Cristo vivificou o mundo pela Cruz. A Sua mortalha ficou no sepulcro.



O Lucio de Portalegre

Tem levado tempo a encontrar posição, êste pequenino doente dos caminhos, cuja mãe *morreu numa corda*, segundo êle nos declarou.

Já nos fugiu por 3 vezes e outras tantas regressou. Temos-lhe dado varias obrigações, dentro e fóra de casa, a vêr se por alguma se apaixonava, e temos fundadas esperanças de ser a escola a fôrma do seu pé irrequieto.

A propósito do Lucio e por causa dele tivemos conhecimento do asilo—escola de Portalegre, cujo Director é um verdadeiro amigo de cada rapaz, e aonde todos se encontram em *sua casa*. O serviço, ali, é todo feito por eles, para haver interesse, alegria e rendimento social. Oxalá podessemos ouvir o mesmo, com verdade, de todos os asilos da terra.



ouvi contar. Entrei em Santa Cruz. Como se ora bem depois duma manhã tão cheia!

O Cristo, meu Amigo, Tu criaste o mundo, encheste-lo de riquezas, e nada reservaste para Ti. Nem uma pedra onde reclinares a cabeça. Deixaste tudo para que os homens repartissem como irmãos; mas que fazem eles? Olha a ambição desmedida de muitos que já se não contentam com o necessário nem com o superfluo e apagam direitos e fronteiras, para crescer sempre mais e mais. Põe cobro, meu Senhor, a tanta loucura e não deixes que ao menos a estes teus filhos que acabo de visitar, falte o pão de cada dia que nem sequer sabem pedir-te, e dá-lhes a resignação que a sua negra existência merece. Muito obrigado pelo bem que me ajudaste a fazer.

P.e Adriano.



Trata-se de descarregar um carro de lenha. Nunca nenhum refila, quando se trata de serviços que metam um carro. É sempre trabalho muito disputado. Sendo carro de mão, então é que é! Não há canto ou quelho aonde a gente não esconda os carros de mão, e não há rapaz que não seja capaz de os descobrir! Eles teem rodas! As rodas são arcos! O arco é um círculo. O círculo é beleza. A creança procura a beleza, porque bela!

Venda do derradeiro número

Estava de chuva. Choveu sábado e domingo, todo o dia. O Carlos Inácio, que não foi desta vez ao Porto, mostrava-se muito preocupado com o tempo:—*fraca venda. Os rapazes não vendem.* Eu respondi que talvez não fôsse o caso assim tão feio. Que os rapazes poderiam, até, fazer melhor venda nos Cafés, ou *Cafeses*, como eles dizem.

—Não senhor. Está muito enganado. Em dias de chuva, os senhores aninham-se nos cafeses —e não dão lugar a outros e a gente não vende nada.

Ora a verdade é que a venda foi um nadinha prejudicada, sim, mas muito animadora. O total subiu a 1300 exemplares, com 580\$60 de acréscimo e 20 *Obra da Rua* despachados e cinco assinaturas.

O Oscar vai à frente sem contestação. Amadeu Elvas já nem se vê, de tanto que atrasou! Oscar pertence agora à comunidade do Porto. Como temos um Posto de Ensino Nocturno no nosso Lar e o Professor não é para brincadeiras, decidiu-se mandar o rapaz tomar conta de um emprêgo e frequentar à noite a escola, com a promessa de fazer a 4.ª classe. Promessa dele, Oscar, feita a mim, antes da partida. Ele já fez 15 anos. São muito horas de começar. Perdeu muitos anos na rua. Pois bom é que na rua os encontre! Vendeu 282 jornais, seis livros, trouxe 133\$20 de sobras e está com muita coragem de não deixar por mãos estranhas os creditos que hoje tem.

O Amandio vendeu sómente 40 jornais. Esperava mais. Amandio e Teles pegaram-se há dias. O Chefe foi impotente para os afastar, de assanhados que estavam! Não jorrou sangue, mas partiram uma cadeira! O Amandio que se lembre do que me prometeu antes de ir para o emprêgo. Ele aqui em Paço de Sousa, era o rei dos sarilhos, mas fêz-me a declaração de que se havia de portar à altura do lugar que desempenha. Ora vamos a ver! O Prata só vendeu 16 gaiatos. O Prata! Só me resta a esperança de que êle, o Prata, quiz entrar de sendeiro para sair de leão! Não há outro juizo a fazer do Prata. Um valente que deu aqui tal sova no *Periquito* a pontos de lhe fazer uma grande *negra* nos queixos, um valente assim, digo, não pode ter outras saídas. Esperemos. Saibamos esperar.



COMUNICAÇÃO

Sempre que apareça em qualquer jornal a notícia de festejos a favor da Casa do Gaiato, é certo e sabido que não anda lá o nosso dêdo. Nós não podemos aceitar dinheiros provenientes de festas.

Isto é a Casa do Gaiato

TEMOS cá na aldeia um rapaz de mau génio. Chamei-o e conversamos. Ele é dos mais crescidos. Disse-lhe que ele era muito assomado e que devia trabalhar por se corrigir. Passados que foram uns 15 dias, vem o dito rapaz ter comigo muito animado e muito contente, a dizer que já não era assomado. *Já me não atiro aos outros.* Escutei, apreciando a boa vontade do nosso valente, mas fui-lhe dizendo que as coisas não são tão fáceis como ele julga. Em vez de 15 dias, se dentro de 15 anos este rapaz d'hoje, então homem feito, compreender o mal que os assomos acarretam, será capaz de começar a dominar-se. Só então. O que o berço dá, só a sepultura tira, sim. Mas a Graça dá muita luz e esta luz é ao mesmo tempo força.

O Periquito esteve mesmo para ficar sem os coelhos. Foi o caso que, tendo-o mandado aviar um recado urgente, ele entendeu ser mais urgente dar de comer aos seus coelhos antes de ir, e assim fez. Ora isto é desordem. O Periquito tem 16 anos. Muita cautela, senhor Periquito. Não passas noutra!

O nosso sistema de fazer quinzenas aos mais velhos, tem dado um fiasco. Todos poupam o seu dinheiro. Um deles foi há dias à oficina de sapateiro com os seus sapatos, para consertar. O sapateiro mirou, remirou e deliberou: *meias solas.*

—Qual meias solas. Bote mas é umas tombas!
O Amadeu Fino, pediu-me para ir ao Porto comprar uma camisa. O seu pedido terá lugar, como então lhe disse, quando haja outro companheiro a precisar. Podem ir então os dois. Quero que vão dois. O Pepe, anda a juntar para um fato novo. *E' pró Natal.* Este é o mesmo que muito se admirou do bulício dos nossos, na noite de 24 de Dezembro do ano em que nos bateu à porta.
—Que é isto?
—E' o Natal.
—Que é Natal?
Não sabia! Não tinha casa! Hoje tem e sabe. Tanto sabe, que deseja vestir-se de festa para a festa: *já tenho 360\$.* Há-de escolher o pano, vestir-se a seu gosto, que tudo isso exige o suor do seu trabalho.

DEI ontem com o peitoril de uma janela riscado, na parte xterior. Era em cima, nos quartos particulares da Casa-Mãe. Chamei o da obrigação, apontei e disse para ele indagar. *Fui eu!* Tranquilo, confiante, arrependido. A alma via-se por fóra *Fui eu!* Este pequeno está conosco há 3 anos. Tem trabalhado muito, muitíssimo. Era um dos três escalados para o Lar do Porto. Foram o Prata e Zé Eduardo. Este, o Alfredo, ficou. Tenho pena. Sei quem tenho. Havia de dar boa conta. Mas olhei muito para ele nas vésperas da partida; vi-o tão fraquito, que resolvi o contrário. O pai faleceu dos pulmões...

A verdade! Só quem ouve todos os dias, a toda a hora, a mentira pronta e convicta, é que sente a beleza da verdade!

HOJE de manhã ouvia-se grande restolhada ao pé de uma grande rima de lenha seca.

—Dize lá aonde ele está?
—Não sei.
—Sabes. Não queres dizer, mas é.
—Não sei nada.

Aproximei-me. Era o Sapo maior *Fala-barat.* Sabido como é dos leitores que o primeiro tem a seu cargo os ovos e as galinhas e tendo sido informado pela malta, que o segundo sabia de um ninheiro com muitos ovos, estava o Sapo a intimá-lo a que fosse imediatamente mostrar o ninho da galinha. O Sapo é diligente. Cortou-se há dias, a migar couves, e como actualmente não pode fazê-lo, chora de pena, e vigia o substituto: *miga mais que*

isso não chega! Este zelo do rapaz pela sua obrigação, gera infinitos sarilhos. A natureza da obrigação assim o pede. São patos, são galinhas, são perús São os garnizés do Periquito. São os ovos. Tudo quer mexer em tudo e o Sapo não deixa mexer em nada. Oh barulho!

Sucedeu que uma das janelas do quarto aonde eu durmo, diz para a capoeira. Quem tiver saúde, aguenta. Quem for doente, não tem remédio senão morrer!

AS vagas do Prata e Porto foram preenchidas respectivamente pelo *Chegadinho* e pelo *Gari*. Muito bem. Até à data tudo está no seu lugar. O *Gari*, chefe do refeitório, sobrepuxa, até, o seu antecessor na maneira vigorosa como sacode da sala para fóra os que ficam ós caídos. *Fóra,—e leva-os à sua frente até à porta. Mas não fica por aqui. Ai do que não limpar os pés à entrada! Ele é que tem de variar. Ou sacodes os pés ou comes já.*

Ora o rapaz entra no refeitório justamente para comer, sim, mas não é daquela comida, por isso obedece.

O Elvas, antes de ir para o Porto, gostava muito de lá ir aviar recados para ter ensejo de comer sêmea em nossa casa. Não admira. Ele é alentejano. Os alentejanos estão afeitos ao pão de trigo e dificilmente pegam na borôa. Eu deixava-o ir muitas vezes, por saber o que ele queria. Pois bem. O Elvas, agora no Porto, pede-me para ir a Paço de Sousa. *Deixe-me ir:* Eu deixo, tanto mais que ele faz semana inglesa. Andava eu muito contente, cuidando que se tratava de amor à casa, quando venho a descobrir a verdade toda. O Elvas, agora farto de sêmea, tem saudades de borôa! Há dias, levou uma grande saca dela.

—Olha os fiscais!
—Não há azar; eu dou-lhes um bocado!
E aí está de como a gente se engana redondamente: afigurava-se-me que era tudo amor à casa, mas não. E' a bolota. A bolota-sinha!

A galinha do Constantino tirou 11 pintainhos de 17. Enquanto pequeninos, é na cozinha, atrás do fogão, que eles passam os dias. Não é nada provável que cheguem todos ao fim. Como há outros pequeninos que também passam horas na cozinha, atrás do mesmo fogão, os atropelamentos são de temer.

Os dois cozinheiros teem um gato comum. Como eles são muito amigos, o bichano participa da amizade. Passa os dias ora nos ombros de um, ora nos ombros do outro e à noite, é às semanas.

—Que é isso, perguntei eu ó Constantino, ao vê-lo sair da cozinha para a sua casa, noite alta, de gato ó colo.
—E' o gato. Esta semana é meu.

Nós somos aqui na aldeia os verdadeiros comunistas. Os da Casa do Porto, quando cá veem fazer o fim de semana, trazem roupas uns dos outros. Tudo em comum. Até os gatos!

O Gari veio-me pedir para deixar crescer o cabelo: *eu sou chefe.* Sim senhor. O Gari pode deixar crescer o cabelo, enquanto for bom chefe.

A nossa aldeia está a ficar um brincol! Esta época, vamos dispôr milhares de arvores. Tenho muita pena de não saber botânica, para dizer aqui os nomes delas. A avenida, vai ser carvalhos e arvores de fruto. Os taludes, sebes de arbustos e cedros. Por detrás das casas, a fazer pano de fundo, bosques de

cedros. O Moreira da Silva, ajuda. Estiveram cá dois empregados a alindar um talude com o nome em plantas: *Casa do Gaiato.* Fariam de bom grado um jardim, mas a gente remedeia com os taludes ajardinados e guarda os fundos pra batatas. Nem só de beleza vive o homem!

Também fomos a Amarante, ao parque florestal, pedir enfeites. Trouxemos tudo quanto pedimos. Gostei de vêr o imenso viveiro. Como há-de ser maravilhosa a flora das profundidades do mar, aonde os homens não chegam! Já assim se não diz da dos continentes! Gostei do viveiro de Amarante. Aquêlê e outros, são fia-dores dos arvoredos.

AS actividades espirituais da nossa casa, estão actualmente em maré cheia. Imediatamente a seguir à merenda, a malta debanda: os da escola nocturna, saca debaixo do braço, atrás do professor Arlindo. Os de canto coral, dão a mão ao céguinho. E finalmente, a grande massa dos catecúmenos, acode à chamada do P.º Fatela. Foi neste ultimo grupo que o *Batata Nova* se evidenciou. De que forma? Querer mandar! Levantou-se do sitio aonde estava, foi direitinho ao senhor P.º Fatela e disse francamente ao que ia: *deixe-me mandar!* *Batata Nova* é um dos seres mais curiosos da nossa aldeia. Prende as atenções dos que nos visitam. Há dias, perguntado por uns senhores de Lisboa se queria ir com eles, responde:

—E lá como?
—Comes sim.
—Então vou!
Comer, é o supremo cuidado deste rapaz. Passava êle com dois bocados de borôa, um em cada mão, quando eu lhe peço para me dar um. *Você não tem fome,* e prossegue com os dois bocados de borôa, um em cada mão! Comer, comer bem e comer só. Por isso quer mandar: *Deixe-me mandar!*

Aonde chegará este pepino se o não torcermos de pequenino,—aonde?

Seria mais um amanhã no mundo, a engrossar as fileiras da vulgaridade: alcançar o mundo para comer!

O Magala foi hoje chamado a tribunal. Chamado por ter faltado dois dias à escola. Uma vez, foi por ter ficado na casa do forno a dormir, até dia alto. Outra vez, por ter feito o mesmo na tulha, entre o milho, e aqui é que foi. O rapaz foi encontrado com os calções molhados... e os companheiros, furiosos, quiseram dar-lhe uma tarefa, mas eu interrompi-me. Nós temos um tribunal. A primeira razão íntima a considerar no tribunal, diante do réu, é que êle procedeu assim por nunca ter tido uma cama aonde dormir, nem sitio certo aonde ficar. Era da rua. Poderia ter apanhado uma tarefa dos rapazes,—coisas de rapazes,—mas um castigo em tribunal, nunca. Nós não temos código.

O nosso curso nocturno, é frequentado por alguns adultos da terra, em o numero dos quais se encontram chefes de familia! Pediram. Instaram. Eu não queria, mas o professor declarou que em nada prejudicaria o ensino dos de casa, com a presença dos de fóra, e eu disse que sim. Quadro triste, sim, mas estímulo para os *Magalas*, que não se importam de perder as horas da escola.

UM senhor do Porto quiz que eu lá fôsse, para me dizer que havia na casa uma vaga, que tinha ali um rôr de pedidos sobre a mesma, mas que desejava dar preferencia a um dos nossos rapazes, tendo ficado assente que lhe dariamos um. Mandou-se vir da Casa de Miranda o Porto do Porto. Este facto, simples e grande,

foi apresentado em acto de comunidade, com comentários à feição. Dada a natural espiritualidade de alma, é impossível que estes estímulos não acordem no rapaz desejos de ser alguém. Trazemos estes acontecimentos ao seio da familia, depois da ceia, na maré de deitar. Estão ali todos. Está a lareira. Ouve-se na cozinha o barulho da galinha choca mai-los pintainhos. O *Marão* e o *Nero*, os nossos cães de guarda, passeiam no amplo e formoso refeitório, às migalhas.

Enquadra bem ali a noticia da nossa fama. São filhos da casa a escutar o pai de familia.

A PARECEU aqui ontem à ceia um rapaz a mais. *Achei-o à mesa.* Perguntei ao chefe. Não sabia de nada. Um outro chefe declara que êle já tinha estado à merenda. Chamei a *senhora.* Tinha-o visto, sim, mas entendeu que não era intruso. O mais lindo, porém, é que o rapaz, interrogado, não fala! Ouve, mas não fala! Quem és? De onde vens? Quem te trouxe? Nada! Mandou-se embora. Foi-se embora. Deve ter sido qualquer pessoa que o introduziu na malta e ficou lá fora, à espera... Este é já o terceiro caso.

Crónica do Lar do Porto

RUA D. JOÃO IV—682

Notícias da Conferência

Completo um ano no dia 21 a nossa Conferência. O ano findo, graças a Deus foi coroado de exitos. Como comemoração foi resolvido dar o dobro da esmola semanal aos nossos pobres e alguns confrades ouviram missa e comungaram. E' tempo para agradecer aos nossos amigos e benfeitores o auxílio que nos prestaram no ano findo e contamos que nos continuem a prestar no que estamos, porque Deus será a nossa recompensa. * * *

O Filomeno (Pretito) já deu entrada no Sanatório Marítimo do Norte. A nossa Conferência deu-lhe 2 camisas e 2 camisolas. Daqui enviamos ao Sr. Dr. Ferreira Alves os nossos agradecimentos. A pobresinha do Manuel Pinto (a de Camões) piorou da perna, mas ao que parece está agora um pouco melhor. A casita precisa de algumas obras de urgencia. O inverno está à porta e por isso lembramos aos nossos amigos um donativo para que se mande reparar a casa. Do telhado quando chove, cai água a rodos. O soalho afunda-se de podre. O pobre do Adriano (Céguinho), diz ainda ter o pai doente. Tinha a casita bem arrumadinha. Recebemos esta quinzena alguns donativos: de um anónimo S. F. 20\$00. Do Conselho Particular 100\$00. Por intermédio do Rev. Padre Nédio—mil escudos. E por ultimo de outro anónimo 10\$00. Agradecemos aos nossos amigos e benfeitores, e que bem hajam.

O Presidente
JULIO MENDES

Já estamos autorizados pelo sr. P.º Américo, para formar um grupo de futebol dos rapazes do Porto. A linha é a seguinte: Carlos, Despacho, e Bernardino; Prata, Solimana, e Adriano; Oscar, Elvas, Julio, Vitela, e Ferreirinha. E' suplente o Mondim. Já nos prometeram os calções e as camisolas, agora o que nos falta são as chuteiras. Fizemos um treino com as oficinas de S. José e empatamos 7-7. Já não foi mau resultado. Podíamos ganhar, se os nossos rapazes não marcassem 5 bolas nas nossas próprias balisas.

O nosso tribunal durante este tempo não julgou nenhum. Todos cumpriram a sua palavra de não se portarem mal durante a ausência do nosso Assistente-auxiliar que tinha ido a Vila Viçosa.

O Avózinha que tinha ido para Paço de Sousa, até melhorar do braço, já chegou. Foi ao Seguro e êles aprovaram que já podia ir trabalhar.

As nossas escolas, da casa, já começaram. Todos os que não estão matriculados na escola Comercial, vão à escola nocturna.

O Oscar que já era electricista em Paço de Sousa veio trabalhar para as oficinas da Orsec.

O crónista
JOSÉ EDUARDO

Assinaturas pagas

Eng. Adalberto Máguo Mendo, S. Pedro da Cova-Gondomar (2 anos), 500\$00; Dr. Rodrigo António Soares Pinheiro, Vale de Cambra, 20\$00; Tenente Eugénio Eduardo da Silva Gameiro, Lisboa, 25\$00; Sala do Soldado do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 5, Castelo de S. Tiago da Barra, Viana do Castelo, 20\$00; Maria Margarida Simão Freire, Lisboa, 50\$00; Joaquim Augusto Sarmento, Porto, 50\$00; P.º Manuel Pinto Afonso, Sinfães, 20\$00; José Carlos de Sá, Coimbra, 100\$00; P.º António dos Reis, Santa Eufémia, Leiria, 40\$00; Fernando Laborinho, Coimbra (um mês), 20\$00; Judite Jacques, Parede, 60\$00; José Bery Silva Brazil, Lisboa, 50\$00; Alice Jorge, Parede, 30\$00; Maria Fernanda da Mota Cardoso, Ferreira do Zezere, 30\$00; Américo Vaz, Ferreira do Zezere, 20\$00; Mosteiro de Santa Escolástica, Roriz-Negrelos, 50\$00.

Continua.